

# A FESTA DE 70 ANOS NO ILÊ AXÉ IJEXÁ, EM 19 DE MAIO DE 2013

Margarida  
Cordeiro  
Fahel<sup>1</sup>

Ruy, querido aniversariante,  
querido amigo.

**F**adori, outro também querido amigo, outorgou-me esta incumbência: homenageá-lo nesta data, em nome dos amigos. Com seu jeito afetuoso, mas franco, ainda foi bem incisivo:...” não é referente à vida acadêmica. É ao amigo, em nome dos amigos!”.

[1] Professora Titular de  
Literatura Brasileira do DLA  
- Departamento de Letras  
e Artes da UESC. Membro  
da Academia de Letras de  
Itabuna (BA). *E-mail*:  
<mc.fahel@uol.com.br>.

**Professor de  
competência  
indiscutível, de  
peculiar estilo,  
apaixonado pelo  
que fez durante  
toda a sua vida,  
este é Ruy!.**  
**Entretanto, nós todos  
conhecemos um  
outro Ruy: o Ruy da  
risada histriônica,  
bombástico, discurso  
forte**

Parece simples e fácil, não é Fadori? Seria muito fácil, sem dúvida, se não fosse para Ruy, se Ruy não fosse como é e o que é. E tudo que é! Ruy é meu grande amigo, é amigo de todos nós que aqui estamos, nesta data auspiciosa, para homenageá-lo. Assim, caro amigo, não lhe falo como acadêmica, nem como colega de magistério do

nível superior. Falo a você sem a preocupação com o linguajar acadêmico, algumas vezes pedante, nem com a inflexibilidade de um discurso formal. Quero falar-lhe com o coração, com a memória afetiva. O texto poderá, portanto, aqui e acolá, resvalar para uma eventual falta de coesão, pois, sabemos, a memória diz o que sente com a força que lhe ficou gravada. É que falar de você é, também, falar de uma história ou de muitas histórias: a sua, a minha, a de tantos e tantos colegas e amigos aqui reunidos. Assim, falo de olho no olho, do sentir e do acreditar.

Ruy do Carmo Póvoas, professor de Língua Portuguesa (em muitos momentos, também, de Literatura Brasileira), pesquisador, antropólogo (por autodidatismo e vasta experiência), escritor, babalorixá. O Ruy que conheço, com o qual convivi durante algumas décadas, dia após dia, na FAFI, na FESPI e na UESC, nas reuniões com amigos e colegas, em sua casa, em minha casa, no Terreiro, neste Terreiro abençoado, é tudo isso, sempre. E, tudo isso, numa personalidade brilhante, esfuziante, na maioria das vezes, mas circunspec-ta em outras tantas e, ainda em

outras, aparentando um certo alheamento que, nós que aprendemos a conhecê-lo, sabemos compreender.

Professor de competência indiscutível, de peculiar estilo, apaixonado pelo que fez durante toda a sua vida, este é Ruy!. Entretanto, nós todos conhecemos um outro Ruy: o Ruy da risada histriônica, bombástico, discurso forte. Ah! A risada! Do sexto ao primeiro pavimento da Torre Administrativa da UESC ela ecoava forte e tonitruante! E a escrita, que dizer dela? O humor inteligente, mas risível, recheado de expressões e ditos do coloquial arcaico, as expressões faciais mutantes!...As histórias, as estórias, os causos...

Ah, Ruy, querido amigo! Falar de você me desordena, pois a cada assertiva, uma nova face sua se revela: a seriedade ao pensar o mundo, as pessoas, a vida! Uma visão generosa e sábia do todo! Uma visão que vem do seu belo mundo nagô, muito em parte, mas que encontrou em você, em seu coração e sua alma uma terra bem adubada.

Por falar em terra, em adubo, de onde vem Ruy Póvoas? Que terras e gentes lhe terão oferecido a base para esse homem tão rico e denso em



Foto 96: acervo Kâwé



seu caminhar? Ruy é ilheen- se, menino das areias do Pon- tal, menino criado entre talhe- res de prata e aguidares de bar- ro, aluno da Profa. Elvira Pe- dreira Marques e, como escre- veu o próprio Ruy, em seu ini- mitável estilo, “católica, mãe do padre, hospedeira do Bispo.” Num texto que me enviou, au- tobiografia impagável, ainda falando da escola, ele relem- bra: ...“aulas de catecismo toda sexta- feira; Educação Moral e Cívica; dia de revisão de den- tes, unhas e olhos.” Mais adian- te, ainda recordando D. Elvira, continua:...” D. Elvira era me- tida a sofisticada, puxava nos R, falava comedidamente, com perfeita pronúncia das palavras, sintaxe esmerada, vocabulário erudito.” A inteligência privi- legiada de Ruy, no entanto, foi capaz de enganar a competente e atenta mestra: na verdade, ele entrara na escola já sabendo ler, mas ninguém sabia disso. Ele temia ser expulso, se D. Elvira descobrisse a verdade, ou seja, a sua mentira. Mas, como tudo na vida tem hora e vez, a dele chegou. Diante da Professora e da classe, ele foi motivo de risos incontidos, enquanto, segundo ele, ”chorava feito bezerro des- mamado”, apavorado pelo cas- tigo que acreditava vir... Casti-

go? Qual? Promoveram-no pa- ra a série seguinte! Ah! Mas ou- tro castigo veio a galope: não havia mais à venda o livro es- pecífico da primeira série na ci- dade e ele teve que “amargar a Cartilha do Povo”, durante to- do o ano escolar!

**Aqui, agora, Ruy,  
quantos estarão, como  
eu, invadidos pelo  
mesmo sentimento que  
me invade... Quantos  
de nós lhe devemos  
a palavra exata, o  
conselho certo, a  
luz no caminho**

Após reveses de saúde e in- terrupções na escola, Ruy fez um curso colegial brilhantíssi- mo e, como diz o “emproado”, enjoou de tanto dez. Terminou a série com média 9,8!

Bem, como estamos falando das raízes de Ruy, copio as pa- lavras dele, a seguir, para valo- rizar um tempo exemplar e que parece tão distante: ”Era a gló-

ria... Era um tempo de Wilma Pires, Mireta, Antenor Browe, Pedro Lima, Horizontina Con- ceição, Temira Sabóia, Silvinha, Leopoldo Campos Monteiro, Nelson Schaun, Nilza Fontou- ra, Lourença Fialho, Dorival de Freitas...”

Ainda estudante do Curso Científico, a convite do Pro- fessor João Arbage, lembrança querida para muitos de nós, Ruy tornou-se professor de Matemática no Colégio de Aplicação da Faculdade de Fi- losofia de Itabuna. Então, en- trando no Curso de Letras da FAFI, logo a seguir, começa a sua carreira docente no Ensi- no Superior. Aluno brilhante, numa turma também de des- taque, ali, eu, professora de Li- teratura Brasileira, tornei-me sua professora. O seu méri- to como aluno levou-me a in- dicá-lo para ministrar minha disciplina no Curso Parcela- do de Férias. Pouco depois, o Prof. Manoel Simeão da Silva, Titular de Língua Portuguesa, de saudosa memória, o convi- dou para auxiliá-lo. E, então, nada mais o deteve. Titular de Língua Portuguesa, Dire- tor da FAFI, membro do Con- selho Superior da FUSC, etc, etc (Perdão, Fadori!). Porém, naquele momento, uma outra



Foto 97: acervo Káwé

história também se iniciou: o caminho de nossa amizade. As longas conversas sobre a literatura nos levaram a filosofar sobre a vida, sobre gente, religião, sentimentos, sonhos... Como aprendi! Essa amizade cresceu firme e a ela se agregaram muitos outros colegas queridos. Formamos um grupo forte, unido por ideais comuns. Crescemos juntos! Anos e anos decorridos de trabalho. Aulas, pesquisas, discussões, vestibulares, Comissão de Elaboração de Provas para Vestibular, Coordenação de Bancas de Correção, lutas políticas em

favor da FESPI e da UESC! Mas, em meio a tudo isso, cada um de nós tínhamos nossas vidas, nossas alegrias, nossas dores, nossas vitórias, nossas dúvidas! Estava sempre você conosco. Não apenas o colega brilhante, ora engraçado, ora sério, mas o Sacerdote, também. Muitas vezes o guia e, sempre, o amigo! O amigo que se tornou gente da nossa família. Para mim, o amigo de hoje, amigo dos meus filhos (um deles, inclusive, aqui está hoje para abraçá-lo) e grande amigo que foi de minha mãe, e como lhe sou grata por isso!

Aqui, agora, Ruy, quantos estarão, como eu, invadidos pelo mesmo sentimento que me invade... Quantos de nós lhe devemos a palavra exata, o conselho certo, a luz no caminho!

70 anos!!! É uma longa e bela jornada, sem dúvida! Participamos, ainda, seus amigos, de muitas e muitas de suas vitórias: títulos, livros publicados, homenagens merecidas, festas neste Terreiro; participamos, também, de algumas de suas dores. Somos seus amigos, Ruy. Somos honrados por esta amizade que nos apoia,



que nos conforta, que nos alegra, que nos faz rir a bandeiras desapregadas, que nos causa admiração, que até nos desconcerta, às vezes... Aprendemos muito com sua sabedoria, com as histórias de sua gente, que nos chegam através de vo-

cê, com sua cultura, com seu riso fácil ou preso, com a sua simplicidade, com o poder de sua posição de Sacerdote. Admiramos a sua determinação e sua luta na defesa da história de sua crença, do seu povo e de sua missão! AGRADECE-

MOS a Deus por nossa jornada como amigos. Assim, nossas vozes se juntam sob este céu excepcionalmente belo do Terreiro, para agradecer por sua vida e pedir para que ela seja sempre iluminada.

Nosso abraço mais feliz!

